



Galileu



PORTE
PAGO

Quinzenário * 3 de Dezembro de 1988 * Ano XLV — N.º 1167 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Autoconstrução

Dou-vos uma grande alegria: Mais seis famílias que, antes, viviam em casebres, vão, agora, morar em suas casas.

O movimento da Autoconstrução, onde ohega, faz mexer as pessoas. Um elemento da comunidade que se deixe apaixonar por esta causa dos sem tecto já não dorme sossegado. Entretanto, vai **construindo** no seu coração tantas casas quantas são precisas para os que as não têm nem podem tê-las, porque a miséria já lhes roubou o tesouro da esperança. Não acreditam. Caem na marginalidade. Só um milagre!

O apaixonado pelos Pobres é corajoso. Persevera e arrasta outros consigo. Sabe, também ele, que sozinho não pode caminhar. Põe uma comunidade em acção e não descansa enquanto não fizer tudo o que está em suas mãos. Agarra-se a outras mãos. A força é maior e o milagre acontece.

Foi numa paróquia dos arredores do Porto. Um grupo de cristãos, animado pelo ideal da Justiça e queimado pelo fogo

da Caridade evangélica, lançou mãos à obra. Os incapazes, por si sós, de sair da desgraça em que vivem, encontram quem lhes dê a mão e põem-se também a caminho. «Bom Samaritano» é o nome do grupo. A exemplo do bom samaritano do Evangelho, encontrou aquela gente caída na berma da estrada da vida. Decidiu parar, abeirar-se dos feridos e cuidar deles até ao fim: Seis famílias redimidas.

A hora em que vossos olhos poisarem nesta notícia, andam a pôr o «chapéu» que lhes mandámos para cada uma das casas. Não se pode medir nem pesar o gosto com que damos nossa mão a este punhado de valentes que não vêem seus nomes nos jornais nem a obra que estão a levantar.

Não parem! O Património dos Pobres, agora com os «pequenos auxílios» à Autoconstrução, caminha convosco para dar a mão aos caídos na berma da estrada porque não têm o seu lar.

Padre Manuel António

Tribuna de Coimbra

«Se o pai o não quiser que o ponha no caixote do lixo.» Foi esta a resposta que aquela mãe deu às vizinhas quando se preparava para despachar o filho de oito anos para o pai que, algum tempo antes, abandonara a prole. O povo da aldeia moveu-se e houve uma família que ficou com o menino.

São casos frequentes do nosso tempo. O homem ajudou a construir a família. Um dos filhos, acometido por paralisia cerebral, ficou doente profundo. Os outros pequenos, a dar muito trabalho. O mais cómodo é o abandono. O melhor é ir para longe. «Longe da vista, longe do coração» — como diz o povo.

A mãe ficou sozinha com o

peso todo. Mulher, humanamente frágil, vai dar dias fora e vem a correr a casa por causa da doentinha. Vai cansando da vida. Os filhos andam na rua. No seu caminho encontrou um homem viúvo, de há pouco, e também com filhos. Os descendentes de um e de outro começaram a dar pelo namoro dos pais.

A solução mais simples é despachar os filhos que, muitas vezes, são um estorvo para quem tem o dever de os criar. É despachá-los, nem que seja para o caixote do lixo.

Neste caso, houve alguém, daquele povo, que levantou o braço, abriu a boca, o coração e a casa: «Eu quero criar o menino». E criou-o durante algum tempo. Quando, há dias,

veio pedir um lugar em nossa Casa, eu estive em silêncio, a mastigar a fé e a confiança daquela senhora. A idade não lhe tolheu o fogo do coração! «Deus nunca me deixou sem resposta» — disse ela.

Naquele domingo a oração do dia rezava assim: «Senhor Deus, concedei-nos a graça de encontrar sempre a alegria no Vosso serviço».

Estamos numa época muito marcada pelo abandono familiar. Hoje, quase toda a gente se cansa, em pouco tempo. É uma época de consumismo. O Espírito não tem entrado na construção da vida. Tentamos não acreditar na acção de Deus, naquilo que Ele fez. O testemunho desta mãe crente, que veio pedir o lugar e a quem Deus tem dado sempre resposta, é uma prova de autenticidade.

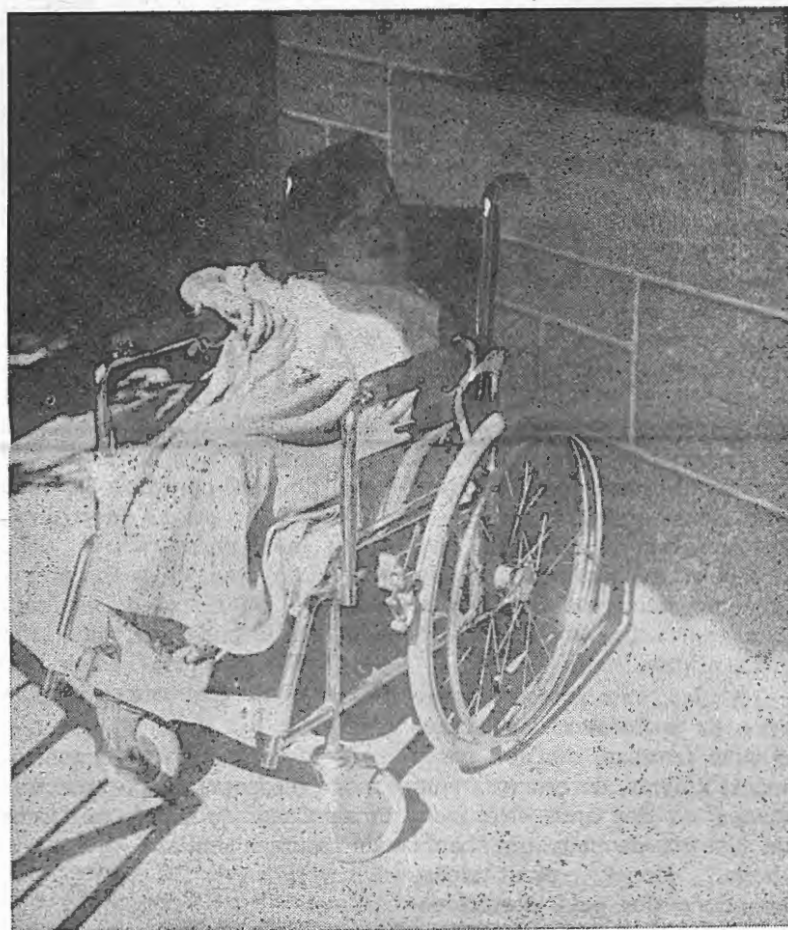
Pelos órgãos da comunicação social, parece que estamos a descobrir indícios de procura de Espírito na construção da sociedade nova. Homens de responsabilidade dão sinais de que não acreditam só nos valores materiais, económicos, para o trabalho que procuram fazer. A palavra do Santo Padre na Assembleia da ONU veio dar força a esta nova Força que os homens procuram. Deus tem o Seu lugar entre os homens. Assim os homens O aceitem.

Esta senhora e sua família sempre têm acreditado e confiado em Deus e Deus sempre Se lhes tem revelado. Pai Américo quando sentiu a «martelada» divina, pôs de lado o que era seu e ficou livre e disponível. Deixou-se mover por Deus até ao fim. Com Ele não pode haver desânimo, pois Ele é a Força.

«Deus nunca deixa sem resposta.» Assim O escutemos.

Cont. na 4.ª página

Padre Horácio



Os doentes são muito sensíveis à beleza e à ternura: No belo varandim do Calvário, o sol d'Outono aquece o deficiente corpito do Mendes.

Calvário

Na minha ronda pelos hospitais, com os nossos deficientes, tenho notado que a multidão vem e vai deixando sempre lixo. Este vai-se acumulando nas ruas e nos cantos. O vento brinca com as folhas, papéis e piriscas.

Mas também um grande descuido e um certo abandono.

Vejamos os espaços onde eles existem — ajardinados ou não — triste terra de ninguém...:

Num dos hospitais, as silvas estrangularam algumas árvores que já foram belas; noutro, um recinto de canteiros esboçados é lugar de despejos vários; num terceiro, os canteiros verdes são pasto de ervas daninhas, latas, papéis e sacos de plástico.

Quando um dia me veio à mão o lindo livro «O menino do polegar verde», fiquei sonhando com hospitais banha-

dos de flores, árvores, recantos e repuxos! Talvez um dia... Quando todos nós aprendermos que os doentes e deficientes são sensíveis à beleza e à ternura.

— Que dia de sol tão lindo!

— Como é a cor do sol? — perguntou a Alice, cega de nascença.

— Olha, é assim como um cafézinho bem quente e doce! — respondeu a Adelaide, por saber que ela é perdida por café.

— Ah! Então o sol deve ser bem lindo...!

Invocando esta cena real, convidamos hoje — dia bonito de Outono — a Alice para o cafézinho depois do almoço. E saboreando, pensei, de novo, que mesmo os que não vêem, podem apreciar as coisas belas

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CASA TELHADA — Na primeira fase da obra (erguer paredes, pôr a laje e telhar), o mestre d'obras cumpriu!

Tornámos ao cimo do monte, numa bela tarde de sol, em pleno Verão de S. Martinho. Alegres, pelo aconchego que a moradia dará — no decorrer do tempo — a famílias sem casa. Na generalidade, pouco ou nada se constrói para os Indigentes! Aliás, deveria ser uma missão primordial, numa sociedade que se quer justa e onde os Pobres ocupem o seu lugar.

O pequenino lugarejo, fora do grande bulício urbano, tem fontanário, lavadouro e, com mato aos pés, sob a copa do arvoredo, dali se abarca uma panorâmica de sonho!

Razão tem aquele afortunado «pa-raquedista» que, há tempos, aqui «desceu» e mora num idêntico santuário — Património dos Pobres:

— Eu sou de Lisboa. Não tinha onde ficar... Agora, vivo numa casa! Paço de Sousa é a minha terra. Todos me querem bem...

O valor do acolhimento!

Enquanto a obra gira, e atendendo à mingua de espaço, o pedreiro dá sugestões para que a moradia seja mais funcional. Por isso, retirámos

o quarto de banho para o exterior (com comunicação interna) e a verdade é que a sala-cozinha, mais ampla, fica um amor! Sendo um ninho para os Pobres, que nada deslustre o seu bem-estar — a sua dignidade.

Vamos entregar ao mestre d'obras a primeira prestação — quase duas centenas de contos — e programar as restantes fases com muita fé no Banco da Providência, que não falha, cuja gestão assenta na Justiça Social e cuja moeda é a miséria imerecida dos Pobres: Impermeabilizar e talochar paredes. Caixilharia. Instalação eléctrica. Caição. Pintura. Finalmente, abriremos a porta à família mais carenciada — e daremos graças a Deus.

PARTILHA — «Uma portuense qualquer», com «a migalhinha (3.000\$) relativa ao mês de Outubro», dá graças a Deus «pelo benefício em prol daqueles que de tudo precisam».

Mais Porto: 1.000\$00 da assinante 19177 e de senhoras amigas. O costume, de Vilafranca (Vila Franca das Naves). Vale do correio (1.000\$00) da assinante 27063 «para a maior necessidade»: a reconstrução da moradia para os Pobres — investimento de vulto!

«Um pequenino contributo (1.500\$) para minorar o enorme sofrimento dos Pobres» — afirma a assinante 30524; «muito mais gostaria de mandar, porém a reforma é pequena e as despesas grandes».

Alto lá! O assinante 23217 manda um cheque — 50 contos para a nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — e expressa votos de «bom Natal na Paz de Cristo»; também «um grande abraço de parabéns pelo jornal O GAIATO que traz, até nós, um grande espírito fraterno; põe lágrimas nos olhos e Amor no coração». A oferta seguiu direitinha para a obra em construção.

A assinante 24851 recorta a notícia que mais a impressionou — na penúltima edição; e, sob anonimato, remete um conto de réis. «Manuel de Braga» sublinha os textos litúrgicos, de um dos últimos domingos, e comenta: «Falou-se tanto nas Viúvas e poucas pessoas se lembram delas! Lancem um SOS a todas as que podem para que se lembrem das que nada têm para viver». Traz um cheque de 4.000\$00.

Remessa habitual — e sempre muito volumosa — da assinante 31104, «destinada à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Acrescenta: «Atrasei-me, este mês, por falta de saúde. Rezem por mim». Duma anónima, da Beira Alta, («por favor não acusem recepção e não ponham o nome n' O GAIATO») cinco contos, em vale de correio, para «dois casos referidos» nesta coluna; «mas, se for conveniente, poderá ter outro destino». A reconstrução da moradia para os Pobres.

Por fim, o nosso Elísio, em S. Mamede de Infesta, partilha o salário com os nossos Pobres e lamenta «poucas vezes lembrar a Conferência de Paço de Sousa; mas a vida custa muito a ganhar e obras deste teor não podem ser esquecidas — mediante as possibilidades de cada um». Toma lá um abraço e Deus vos acompanhe, sempre.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Mais uma vez me tocou escrever estas notas.

Tenho pensado muito em vós, porque os amigos dos Pobres são sempre meus amigos.

Escrevo porque temos andado um pouco afastados dos nossos deveres para com eles e, agora, que se aproxima o Natal, queríamos que lhes não faltassem os mínimos próprios desta altura, que é o sagrado Natal. Há a Missa do galo, bolo-rei e tantas coisas, como brinquedos para as crianças, mais um cobertor que já não vos faz falta, um divã arrumado no canto. O que não serve para nós, que estejamos em condições para outro igual.

Visito duas famílias, há quatro anos — e parece que ainda foi hoje! — porque me sinto também entre eles. Faz-nos pensar o que nós somos. Não interessa sermos ricos se não pensarmos nos outros com dificuldades.

«Pedi-te para me vestires, pedi-te de comer, pedi-te água e tudo isto me recusaste.»

Um homem de bem não deve fazer isto, mas sim abrir-se conforme as suas possibilidades — que Deus não é cego e o recompensará.

Nós, vicentinos, aprendemos muito com eles; é a verdade nua e crua.

Há dias, na minha visita, houve um diálogo entre mim e um dos filhos, deficiente. Quando o pai lhe pergunta se gostava de mim, a resposta foi rápida e sincera: — É a pessoa de quem eu mais gosto, na minha vida. Isto enche-nos, não precisamos de mais.

Recebemos da assinante 3359, mil escudos; e da assinante 19177, 1.500\$.

Para a casa de Miragaia: Da Beti, 1.000\$; de um anónimo, «por alma de M. Teresa, minha filha», 10.000\$. O Senhor, nosso Deus, ouvi-la-á.

Um santo Natal para todos, são os meus desejos e de todos os nossos confrades. Bem hajam.

Cristiano

MIRANDA DO CORVO

BATATA — Num fim-de-semana escolhemos a nossa batata. Fizemos uma selecção para semente do próximo ano. Um trabalho cuidadoso, de muito empenho.

Desgrelada e separada da pôdre, que era muita, colocámo-la nos estrados, para a semente e para o consumo.

O grupo que o Pedro comandou, chegou ao fim com dores de costas; mas valeu a pena, há-de dar frutos!

AZEITONA — Não é tarde nem cedo para olharmos pelas oliveiras. Quase não têm fruto!

No período da flor estavam cheias. O mau tempo, porém, desperdiçou muita. Depois, encheram-se de azeitonas e a chuva deitou-as ao chão. As condições climatéricas foram

desfavoráveis para a maior parte dos frutos. Mas continuamos a plantar, a semear, a cuidar intensamente dos campos. Temos que colher alguma coisa!

DESPORTO — Mais uma vez o futebol! Realizámos outro jogo com um grupo de rapazes de Castelo Branco. Vieram com o P.e João e a sr.ª Rosário que por cá passou duas vezes as férias grandes. Fazia o que podia e gostámos da sua companhia. E, a seguir, houve o magusto. Ganhámos o encontro. Mas, quanto ao resto, a sua vinda de longe, a boa disposição, as castanhas... venceram-nos! Assim, passámos uma tarde de sábado bem boa! Obrigado.

SAÍDA E ENTRADA — O «Sardão» e o irmão foram embora, num domingo de manhã, antes da celebração da Missa.

Ambos andavam na Escola Primária, mas o padriasto e a mãe quiseram levá-los.

Entretanto, chegou o Victor. Quer aprender o ofício de carpinteiro e tirar o 2.º ano do Ciclo Preparatório. Já estuda, ao pé dos seus companheiros.

Que cada um encontre o caminho construtivo, nas suas vidas!

Guido

Paço de Sousa

FUTEBOL — Nos dias 12 e 13 de Novembro o nosso Grupo Desportivo efectuou dois encontros.

Dia 12, defrontámos um conjunto do Porto, bem organizado e atacante. O resultado assim demonstrou: empatámos 3-3.

Dia 13, as coisas correram melhor para o nosso lado. Defrontámos uma equipa de Melres (Gondomar). Neste encontro fizemos mais remates à baliza. Por isso, vencemos por 3-1.

Insisto junto dos Clubes que nos queiram defrontar, para contactarem por escrito o Grupo Desportivo da

Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

VINHA — A poda da nossa vinha já começou. É um trabalho que deve ser feito com muito cuidado; pois, se for assim, a vindima poderá ser mais rendosa. Se a poda for deficiente, haverá menor produção, se as condições meteorológicas também forem desfavoráveis.

PEDIDO SATISFEITO — O alerta que publicámos, numa das últimas edições, sobre a falta dum aparelho (esfigmomanómetro) para se medir a tensão arterial dos nossos doentes, foi lido por muita gente — e recebido na volta do correio. Obrigado pela atenção. Estamos servidos, graças aos nossos leitores.

Lourenço

Tojal

ESCOLA — As aulas não param... Esperamos que corra tudo bem até ao Natal (está a chegar) e não queremos desapontar o sr. Padre Luiz com más notas.

«BATATINHAS» — Estão felizes porque o Natal não tarda, pois sabem que vão receber a sua prenda!

PECUÁRIA — Esperamos que cheguem os novos porcos para recomermos a criação. Vamos lá a ver, agora, se não haverá peste como sucedeu há um ano, pois tivemos de enterrar trinta e sete, no olival, na presença das autoridades sanitárias.

FUTEBOL — Continuamos a pedir aos leitores, responsáveis por alguma equipa de futebol (entre os 12 e 16 anos), que venham cá fazer um joguinho connosco. Ultimamente, recebemos algumas, de muito bom nível técnico e físico. Mas nunca ficamos atrás. Jogamos futebol de 11 e futebol de salão.

Luís Miguel Fontes

Livros de Pai Américo

«A humanidade não é ainda matéria falida. Até mesmo aqueles que não acreditam no Espírito se incendiam quando alguém sopra nas cinzas, aparentemente apagadas. O que é preciso é que se erga perante eles um ideal mais alto de beleza moral, de Justiça e de Caridade.»

Pão dos Pobres (três volumes; o 2.º, esgotado); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (dois volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (três volumes) **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

Lar Operário em LAMEGO

As últimas notícias davam conta das limitações dolorosas, frente aos casos que nós eram propostos.

Não faltou quem vivesse connosco essas horas infundáveis, em que deixámos ir embora, sem esperança, os nossos irmãos aflitos.

Há dias, uma professora que vive os problemas dos alunos e suas famílias, contava casos inacreditáveis, de crianças com menos de dez anos. No meio da história de cada um, havia droga, álcool, prostituição, abandono dos pais, desinteresse das famílias, etc.

Ouvi. Ouvi e nada disse. A professora olhou-me, como

quem pergunta se eu tinha percebido e se dava conta da mágoa do seu coração. No meu levantar e baixar de olhos, para não encontrar os dela, percebi que eu não previa solução, ou réstea de esperança. A última pergunta foi: — Então sabemos destes males e não encontramos resposta?

— É verdade; não encontramos resposta! Eram precisas mais Casas do Gaiato ou Obras de natureza similar.



Do que nós necessitamos

Com 50 mil escudos, mais um cheque de 100.000\$, oferta de anónimo, em acção de graças a Deus pelo dom de Pai Américo». Padre, obrigado pelo seu sacerdócio! Como Jesus, amando o seu povo, foi o grande Pedagogo, seja-o também, embora pequenino. Prometemos lembrar o jovem que tão cedo partiu para Deus. Recebemos o que nos mandou. Ao lado do sr. Doutor, do sr. Eng.º, do sr. Advogado, segue a mãe humilde, o operário que leu pela terceira vez «Notas da Quinzena» e o resultado de «toda essa bela leitura foi o poupar a importância que junto — 5.000\$ — porque a minha situação, como reformado, de pensão mínima, mais não dá». Quem não descobre nestas linhas um critério de vida cristã, justo e criador de uma nova sociedade? Dos pequeninos sai a verdade que confunde os grandes e poderosos. Ontem, foi proclamado para toda a história o gesto da Viúva com as duas moedas. Aqui fica, hoje, testemunhada a novidade do acontecimento. Mais umas migalhinhas e 200\$ dados com muito amor e carinho.

Dez mil, de S. João da Madeira e «que Deus vos dê a força interior que teve o seu fundador, o nosso querido P.e Américo, para nunca serdes assaltados pelo desânimo». Mais comunhão de vida. Atenção! A Celeste apareceu e pergou para quem tem ouvidos: «Segue um cheque de 70.000\$ que eu tinha depositado. Mas enquanto há fome, não pode haver depósitos! Que o Senhor abra os corações. Eu queria fazer como o Senhor pediu ao jovem do Evangelho, mas é tão difícil partir! Um abraço». Ben-

dito seja Deus! Compreendo a emoção provocada por estes testemunhos, redigidos e transmitidos a partir da vida. Daí, a sua força. A Célia junta o cheque de 50 mil e solicita que não lhe seja enviado qualquer agradecimento. Cumprimos. Obrigado.

Não podemos parar nem esconder os tesouros de beleza que os meios de Comunicação Social fingem ignorar. São gritos de Esperança, em contraste com outros que, diariamente, entram em nossas casas, semeando lágrimas e desespero. Mais um: «Como estava à espera da minha reforma, fui aguardando para assim poder enviar um pouco mais. Junto envio um cheque de 10.000\$. Ai do mundo sem os corações de Pobre! Porque Jesus quis fazer da Terra a antecâmara do Céu, deixou claro que teríamos sempre os Pobres conosco. A sabedoria das cartas que nos vão chegando, leva-nos a saborear o caminho da subida à Montanha.

Algumas cartas chegam tão discretas que um simples «bem haja» encerra a gratidão pela oportunidade de fazerem o bem. N. S. vem por essa via «pedindo uma oração pelos seus familiares». Com votos de felicidades e, do mesmo modo, um engenheiro com cheque de 10 mil. Sobrinha cumpre a última vontade de sua tia, com 200.000\$. Traz a dureza da vida do alto da Serra.

A Fé, quando entra no coração da gente, mexe com tudo. Arruma o que não presta. Quebra a rotina. Interroga. Põe Luz, onde há escuridão; certeza, onde há dúvidas; vida, onde

há sinais de morte. Ele há uma multidão de cadáveres ambulantes...

«Peço desculpa por me ter atrasado um pouco com os meus compromissos, mas também tenho tido muitas despesas. Com muita amizade envio 10 mil escudos.» A Julieta diz que cumpre a sua missão porque acha seu dever repartir. Envia 50.000\$ e abraça a todos como irmã. Metade, da Fernanda, para qualquer urgência. Sim, há verdadeira ligação a nível familiar no dar e receber escondido nesta coluna: «Caros amigos: Deixem-me tratá-los assim, pois ao ler O GAIATO, de princípio ao fim, fico com a sensação de estar a ler as notícias de pessoas muito amigas e, no fundo, sinto uma grande pena de não ajudar

mais, não só materialmente, mas, sobretudo, com o meu trabalho numa das vossas Casas. Não foi ainda possível. Espero em Deus poder realizar este desejo». Maria, mais que os 10.000\$ que uma folha pequenina envolvia, saboreamos a mensagem de esperança que escreveu. Quem nos dera! fomos à rua, pelos cantos e barracas dizer aos pequeninos que já podiam vir. Ficamos à espera. E, enquanto não pode ser, passe recado. O dinheiro todo do ordenado do mês foi depositado em nossas mãos indignas. Irmã reza pela irmã ajudando a cobrir uma casa com 135.000\$. Mais um pároco a servir de ponte aos seus fregueses. O padre não é outra coisa. Tem que ser ponte que faz a união com Deus e com o Próximo. É pontífice. Agradece que não faça referência no jornal a mãe que pede a colaboração dos «Batatinhas» e manda 20.000\$, sufragando a alma de seu filho. Só Deus sabe. Estes segredos estão no cerne da Obra da Rua. Por isso «peço o maior segredo e

que não acusem a recepção» doutros 20 mil. Mil, da Maria Leonor. Quinhentos, em papel branco. «Pequeno donativo» de 30.000\$, da família Correia Roque.

Passamos sempre pelo Espelho da Moda a buscar o que lá deixaram. Padre amigo, que vai fazendo a campanha de assinaturas de O GAIATO, recebemos seu cartão e a lista dos nomes. Partilhamos da mesma Fé. Outro cartão que nos impressiona pela mensagem e regularidade. São compromissos voluntários, de muito valor. Mais: «Entrego a minha pequena mensalidade». 20 mil, do primeiro ordenado duma jovem. Metade, de um técnico de contas. Mais vinte e cinco mil, todos os meses e da mesma forma. Outro tanto, de anónimo. Só mais este cartão: «Para o que mais necessário for nessa vossa Obra de Amor. Pedi a Pai Américo por nós para que o nosso amor aumente e o nosso egoísmo morra». Eis!

Padre Manuel António

REFLECTINDO

Não queria terminar esta reflexão a partir do trabalho do Doutor Manuel Porto sem sublinhar, uma vez mais, o valor de todos os esforços, por pequeninos que sejam, num processo de desenvolvimento de povos, vise-se uma freguesia, uma região, um país.

Não é tarefa exclusiva de economistas, ficou dito. Antes, mobiliza gentes de muitas actividades. E eu diria que em primeiro lugar está o peloiro da Educação, porque todo o programa de desenvolvimento passa, necessariamente, por uma renovação de mentalidades e esta não se alcança sem um substancial esforço educativo, persistente e apaixonado.

A Escola, desde o nível básico, inclui as disciplinas de Estudos Sociais e Ciências de Ambiente que oxalá não fossem apenas nomes novos, bem sonantes, mas realizassem uma intenção que parecem sugerir: a mentalização, desde tenra idade, de que todo o homem é chamado, de mãos dadas com os outros, a recriar um mundo que Deus nos entregou cheio de potencialidades que ao Homem cumpre explorar para usufruto de todos os homens.

Progressivamente, pôr a criança, o adolescente, o jovem, diante, não só das metas atingidas pelas gerações passadas, mas também frente às carências que afectam uma imensa multidão de homens, estimu-

lando-os a procurar-lhes, agora, a resposta adequada, que a Justiça social reclama.

Porquê a Escola não há-de ensinar o seu aluno a libertar-se da tendência tão universal para o egoísmo e ajudá-lo a formar uma consciência social que o não deixe olhar-se sem ver os outros? Naturalmente teria de começar por uma profunda e sincera reciclagem dos professores. Porque, em verdade, onde está o homem de consciência social? Ele é tão raro, mesmo entre os que fazem profissão de socialidade, que bem precisa é a lanterna acesa para o achar ainda que brilhe o sol!

Ora onde esta consciência existe, não se espera pelos macro-planos de desenvolvimento para executar mini-realizações que vão repondo a Justiça, pontualmente; e que, para além do valor objectivo que representam, tem um valimento exemplar, dinamizador de acções semelhantes.

Pai Américo foi um homem de consciência social com raízes mergulhadas no Evangelho. Acreditou no potencial inesgotável da Verdade e da Justiça de que o Evangelho é o Tratado e não tropeçou na sua pequenez humana. Aonde a miséria, viu um erro dos homens que Deus não subscreve. Erro da inteligência ou erro da vontade — sempre o erro é semente de morte. E o nosso

Deus é Vida. E mandou-nos o Seu Filho para que tivéssemos Vida e a tivéssemos em abundância. Portanto, Verdade e Justiça são a Fonte onde há-de beber o que quiser construir para o Tempo e para a Eternidade. Foi o que ele fez. E não guardando segredo da sua inspiração, fez fazer.

As Casas do Gaiato, o Património dos Pobres, o Calvário, tanto ou mais do que respostas a realidades mal-sãs da nossa sociedade, são um acto pedagógico. Significam a coragem de reconhecer erros sociais e a ousadia de ensaiar meios de os emendar. Que meios?... Meios pequeninos que a Verdade e a Justiça engrandecem à dimensão capaz de remediar.

Não são os meios que faltam. O que falta são homens de consciência social.

Padre Carlos

— IMPORTANTE —

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Há tempos, por causa duma rapariga, no mesmo dia, escrevi sete cartas para outras tantas Casas de protecção a crianças. A seu tempo chegaram as respostas e todas disseram que estavam repletas e sem oportunidade de admissão!

Não queremos deixar o leitor preso de alma e coração a estes quadros negros. Terminamos com uma notícia que tem muito de alegria. Alguém pede para colocar no Lar de S. Domingos, dois irmãos. Um de 3, o outro de 5 anos. Dissemos que não, por faltar quem tome conta. Passados dias vem a própria mãe (com menos de 30 anos) solicitar o mesmo. E conta a sua história: É natural de Lisboa. Está separada do marido. Veio para Lamego através duns familiares que vivem a oito quilómetros. Não tem casa, nem que vestir, nem alimentação; mas quer trabalhar e os filhos são impedimento.

— Que trabalho pretende?

— Vou dar horas nas casas.
— Sabe ler?
— Sei e já estive empregada numa tipografia.

Há momentos de silêncio... e, para o quebrar, há um esboço de sorriso. — Apareça logo! Fomos falar a uma tipografia e encontramos trabalho para ela. Falámos numa creche e, diante das dificuldades, improvisámos uma sala, comprámos um triciclo, duas bolas, arranjámos bonecas sem braços e três ou quatro carrinhos, mesmo sem rodas, e tínhamos assim montado uma creche! Há um sótão para dormirem; há um colégio a dar, provisoriamente, alimentação; há rostos que deixam de ser macilentos para ser rosados; há lábios a sorrir de alegria; há a esperança de recomeçar uma vida normal.

É bem verdade que a riqueza está no coração!

Padre Duarte

SETÚBAL

Uma mulher negra, avó de um menino de três anos, dirigiu-se-me, na segunda-feira, com lágrimas e lamentações, relatando a sua triste situação e a do neto presente.

Que o recebesse. Que ele ainda não está registado. Que o pai nunca quisera saber dele. Que a mãe fora presa quando a criança tinha seis meses e agora vivia na droga e na prostituição. Que fora muito infeliz com outro neto, criado por ela até aos catorze anos, e cujo paradeiro agora desconhece... E mais... e mais!... Enfim..., uma tragédia vitimando muitas personagens.

A criança estava ali... Linda, linda, linda!... O seu olhar cruzava-se com o meu, cortando o brilho luminoso dos olhos húmidos e doridos da avó.

A cena arrepiava, suscitando no meu coração, silenciosa-

Calvário

Cont. da 1.ª página

da Natureza fazendo-as irmãs de um bom-bom delicioso, um bolo fofinho ou um pêssego maduro.

Engolfados na vida como em turbilhão de águas caudalosas, perdemos um pouco o sentido do belo — no sol, nas estrelas, no mar e nas montanhas.

— Que docinho ele estava! — disse a Alice; e sorriu de olhos fechados na contemplação de todas as belezas.

• E dia de flores! Seja. Só mais este quadro:

Numa passagem por Santa Marta de Penaguião, para vermos uma doente, a Adelaide e a Teresa pediram para parar junto dum muro de rosas brancas. Saíram e colheram. «São para a nossa Maria do Carmo que é natural daqui.»

A segulr, o silêncio; e, neste, a doçura de pensar: «Maria do Carmo — linda rosa branca do Calvário! Todas as doentes a querem. As mais pequeninas adoram-na. Nós sentimos por ela um misto de admiração e ternura pelo seu sorriso carinhoso e contínuo.»

— Rosas da tua terra! Ela apertou-as num enlevo! O sentido do amor e da beleza na família que nós somos! Em que hospital do mundo?

No momento que escrevo, a Maria do Carmo tem crises de sofrimento... Há dias, numa delas, pediu à Adelaide e à Teresa que não a deixassem — pois lhe parecia que ia morrer.

— Não tenhas medo! Quando morreres ficarás a ver-nos por detrás duma estrelinha... E nós a ti! — disseram-lhe.

Ela sorriu.

Padre Telmo

mente, brados enormes de impotência, de angústia e de dor: — Tu, meu filho, tens direito a nome, pátria, mãe e pai, a casa... E não tens nada! Ninguém te reconhece, de facto, esses direitos fundamentais de todo o ser humano!...

Não tens nome — que não és cidadão deste mundo — nem pátria nenhuma, pois não estás registado. Não tens pai nem mãe e... a tua avó, como espectro de família, apesar de todo o carinho que nutre por ti, retira-te, também por instinto, os imprescindíveis alicerces do teu crescimento humano. És um objecto social de que o direito se não ocupa.

Logo, no outro dia, um homem de quarenta anos, com outro pequenino pela mão: — Que lhe valha na sua desgraça. Que a mulher o abandonou e não quer saber nem dele, nem do filho. Que os sogros não querem na sua casa, nem a ele nem à criança. Que dorme com o bebé numa barraca abandonada onde se acolhem, à mistura, noctívagos, bêbados, vagabundos e ciganos. Que aceite o menino...

Dada a impossibilidade de atender a sua súplica, propus que mo desse para adoptar.

— Que isso era o que a mãe pretendia!... Que ele... nunca... A criança havia de passar o que ele passasse.

Mãos carinhosas deram banho e vestiram, de lavado, a pobre criança toda borradinha!... Estes casos, típicos de milhares deles, são o escárnio de uma Constituição como a nossa ou de uma Organização Tutelar de Menores que se diz «quase perfeita».

«Calcula-se que haja, em Portugal, cerca de quatrocentos mil casais que desejam filhos e não os conseguem gerar, disse à Agência Lusa, o Prof. Agostinho de Almeida Santos. De acordo com diversas estatísticas, a esterilidade afecta, a nível mundial, mais de quinze por cento dos casais em idade reprodutiva» (Correio de Coimbra n.º 3301, de 3-11-88).

Quinze por cento de quatrocentos mil são sessenta mil casais. Ainda que só metade desejasse adoptar uma criança, seriam trinta mil hipotéticas famílias ansiosas por preencherem o vazio da sua esterilidade somática. Muitas delas dispõem-se, naturalmente, a receber mais que um ser humano abandonado. Não admira, por isso, que sejamos continuamente assediados por famílias em busca de uma ilusória criança.

No tecido humano da nação há, portanto, capacidade social mais que suficiente para resolver todos os problemas do

mau trato e desamparo infantil. — O que falta? — Um serviço de urgência, como tenho preconizado, a funcionar, como equipa de rua, com a rapidez e a aptidão próprias do serviço que presta.

Na vida infantil, um pequeno espaço de tempo, em bom ou mau ambiente, repercute-se profundamente no equilíbrio futuro da pessoa.

Não me digas que estão af os Centros Regionais e as

Assistentes Sociais. Salvo um ou outro caso de digna excepção, tudo é imobilismo.

— Uma legislação adaptada à nossa realidade — e não concebida em modelos passados ou alheios, em gabinetes de abstracção — que responsabilize os agentes da magistratura pela inércia ou demora em assuntos tão delicados. Resolver a vida de uma pessoa não é o mesmo que julgar uma contenda material. Tem sempre carácter de urgência.

Uma legislação que reconheça, na prática, os direitos da criança abandonada e defina, diante dos progenitores, que quem não pode ou não quer assumir os seus deveres, perde os seus direitos.

Uma criança é um ser inocente. Não pode ser condenada, por nenhum motivo, ao mau trato social, se há condições para a libertar.

Participei, há um mês, na

festa de aniversário de uma menina adoptada por um casal, familiar de outro que recebeu também a sua irmã e o seu irmãozinho.

Arranquei os três de um quarto-prostíbulo, onde a sua progenitora exercia a actividade própria à vista deles e suportava grandes tarefas do homem(?) que os dominava.

Eram figuras de cera, terrivelmente diminuídas pelas carências e atrocidades circunstanciais! Se visses a alegria reinante! Tudo proclamava aleluias de ressurreição. Os pais. Os amigos. E, sobretudo, os filhos.

Uma nova era irrompeu da aridez desértica da opressão para o bosque florido, perfumado e reconfortante do amor familiar. Parecia um sonho, a realidade contemplada!

Padre Acílio

AQUI LISBOA!

«Tenho pena de não ter as facilidades que os jornalistas têm em escrever, porque se as tivesse, havia de escrever muito daquilo que o meu coração sente sobre esta tão nobre vida vicentina. Sim, tenho pena, porque havia de revolucionar todas as aldeias, todas as vilas, todas as cidades, para que os jovens da minha idade se dedicassem com amor e carinho aos nossos irmãos que o mundo tanto despreza. Esse mundo que, embora esteja a caminho de tantos progressos, vai deslizando por um abismo do qual os homens não dão conta.»

Na sequência do último escrito, a propósito do I Encontro Nacional Vicentino, voltamos de novo ao assunto, à laia de carta aberta a todos os vicentinos de Portugal. Fazemo-lo como ex-presidente duma Conferência Universitária e ex-membro duma Conferência Paroquial, que não como padre, que a Sociedade, filha da Igreja, é de leigos e com estruturas próprias, embora devidamente sancionadas pela Hierarquia.

Sendo a Sociedade da Igreja, a ela deve subordinar toda a sua acção, em permanente e esforçado espírito de referência. Tudo com e dentro dela; nada fora e, muito menos, contra ela. Os seus membros, necessariamente católicos praticantes, têm de procurar, numa atitude de coerência, seguir o espírito dos seus Fundadores, em contínua conversão interior, que os levará à prática dos Mandamentos. Sem isto, toda a acção seria inócua, quanto muito, simples atitude de filantropia ou de bem-fazer que, se bem credora de respeito, nada teria de vicentina.

O vicentino deve ser humilde e, por isso, consciente da sua condição de limitado, procurar fazer o bem apagadamente, sem que, todavia, tenha de se esconder. Todos os homens são seus irmãos, mas nutre pelos

mais fracos ou carenciados a maior predilecção. Tudo o que diga respeito ao seu semelhante lhe dirá respeito também. Deve colaborar com os outros movimentos e obras com afinco e lealdade, ainda que os outros o possam considerar como um «pobrezinho». O vicentino não quer evidências ou proveitos, sejam eles quais forem. Apaixonado pelo Nazareno, procura seguir o Seu exemplo e dá-LO a conhecer com a sua vida. O exercício da Caridade, nas suas múltiplas facetas, é o seu grande objectivo, recorrendo a toda a criatividade e ao espírito inventivo que lhe estão subjacentes. O seu verbo, conjugado em todos os tempos, pessoas e modos, terá de ser sempre amar.

O vicentino tem de ser um inconformista e um denunciador das injustiças. Deve ser um «revolucionário pacífico», que não à moda do mundo. Em primeiro lugar, dentro e consigo mesmo. Como cidadão deve procurar assumir-se em pleno, que ao contrário seria farisaísmo. Nunca está satisfeito, pois, com o que faz, nem se deleita orgulhosamente com o bem feito.

Ante os problemas e carências volumosas que o mundo apresenta, o vicentino deve pugnar por respostas capazes e interessadas, procurando humanizá-las com o seu bafo específico, que só ele sabe dar e, tanto mais, quanto se deixar penetrar pelo

carisma próprio da Sociedade.

A sensibilidade vicentina chega a todos os lados e pessoas. Aceita a diferença e não impõe nada, deixando actuar a Graça vinda do Alto. Como visitador tem um campo inexaurível, onde «faz arte que comove e não obra que deslumbre», que «a missão de visitar o Pobre tem beleza; é filha de uma intuição artística que apaixona e devora o visitador», como se transcreveu de Pai Américo n.º O GAIATO anterior.

Vicentinos de Portugal, vamos «revolucionar todas as aldeias, todas as vilas, todas as cidades», levando-lhes o bafo humano e espiritual que está na base da vida da Sociedade. Deus não faltará com a Sua ajuda. Não desanimemos ante as contrariedades ou os fracassos e apostemos em cativar os Jovens de hoje para continuarmos o trabalho iniciado há mais de século e meio por Ozanam e Companheiros. Sim, pois, como Pai Américo escreveu, «quando a mocidade se apaixona por um ideal, não há nada que possa conter os seus ímpetos. Não sabemos doutro ideal mais alto do que este: amor de Deus e do Próximo». Eis os votos de alguém que se tornou vicentino jovem e gostaria de continuar a sê-lo com a jovialidade de então, em compromisso cada vez maior e em renovação permanente. Em frente!

Padre Luiz



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (056) 552285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel